

# **O sujeito lacaniano como sujeito da ciência em relação ao Outro como lugar da verdade**

**The lacanian subject as the subject of science in relation to the Other as the place of the truth**

MARÍA INÉS SARRAILLET

## **RESUMO:**

Este artigo aborda a relação entre o sujeito com o qual a psicanálise opera, entendido por Lacan como o sujeito cartesiano da ciência, e a verdade como inscrição do significante no lugar do Outro. Com este ponto de partida, aborda a incidência de certas figuras divinas do Outro no campo científico-filosófico e na cura psicanalítica das neuroses dentro do marco discursivo de nossa cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** sujeito – ciência – psicanálise – verdade – Outro – Nome-do-Pai – significante

## **ABSTRACT:**

This article discusses the relationship between the subject with which Psychoanalysis operates – understood by Lacan as the Cartesian subject of science – and the truth as the registration of the signifier in the place of the Other. With this starting point, raises the incidence of certain divine figures of the Other in the scientific-philosophical field and also in the psychoanalytic cure of neuroses, within the discursive framework of our culture.

**KEY-WORDS:** subject – science – Psychoanalysis – truth – Other – Name-of-the-Father – signifier

## **Introdução**

A relação entre a psicanálise e a ciência se apresenta como uma questão controversa tanto dentro do campo psicanalítico quanto no campo das ciências que se reconhecem entre si como tais. Em algumas ocasiões, a psicanálise é classificada negativamente como “pseudociência” a partir da análise epistemológica. Outras vezes são os próprios psicanalistas que se recusam a ser categorizados como cientistas em nome de uma prática que resiste à generalização do saber e a partir da qual não seria possível estabelecer previsões.

A teoria psicanalítica de J. Lacan disponibiliza coordenadas precisas para identificar esse problema: consideramos que seu conceito de **sujeito** e a inclusão da função do **Nome-do-Pai** na consideração científica são termos-chave para nos orientar sobre o assunto.

Para J. Lacan, o sujeito com que operamos na psicanálise é o mesmo que o sujeito da ciência.<sup>1</sup> Em que sentido é possível estabelecer essa equivalência, considerando que o sujeito é definido como aquilo que um significante representa para outro?

Em primeiro lugar, é necessário considerar que, apresentado assim, o conceito lacaniano de **sujeito** não remete ao de **homem** no sentido genérico. O **sujeito** representado **entre** os significantes se mostra como um suposto, no sentido do sujeito lógico: aquele do qual algo se predica. Sua etimologia se corresponde ao *sub-iectum*, tradução latina do *hypokeimenon* grego, isto é: “Aquilo que subjaz e está na base. O que jaz na frente”.<sup>2</sup> O sujeito entendido dessa forma é equivalente ao “assunto ou matéria de que se trata”,<sup>3</sup> pois a matéria com que se trabalha em psicanálise é puramente discursiva, sua textura é justamente a da discursividade. Nesse contexto, o ato interpretativo opera no sentido de estabelecer a lógica do sujeito, ou seja, a **lógica do assunto**, estabelecendo uma classificação dos elementos significantes encadeados, que pode ser escrita em termos de formalizações que desenvolvem as matemáticas qualitativas como a topologia ou a teoria dos conjuntos.

Com estas especificações, o sujeito em psicanálise é entendido como o mesmo **sujeito da ciência** que, no sentido da ciência moderna, se constitui a partir de um **discurso sem palavras**, ou seja, da manobra cartesiana e galileana que deriva em um saber impessoal baseado na matematização e na formalização lógica. Até aqui a equivalência entre o sujeito da ciência e o da psicanálise não apresentaria grandes objeções, a não ser porque a ciência reduz a **verdade** a um simples jogo de letras algébricas, como causa puramente formal, questão que na psicanálise se torna inadmissível, pois a verdade à qual responde é a que se esconde no padecimento sintomático considerado em sua estrutura de linguagem. A verdade em jogo, para a psicanálise, é a **verdade textual** e surge da operatória da interpretação.

Para resolver este problema, J. Lacan propõe:

- a) considerar o sujeito da psicanálise freudiana como equivalente ao sujeito cartesiano – um dos pilares conceituais da ciência moderna –, e
- b) correlacionar o sujeito cartesiano com o campo da verdade enquanto fala.

<sup>1</sup> “Dizer que o sujeito sobre o qual operamos na psicanálise só pode ser o sujeito da ciência pode parecer um paradoxo. É aí, porém, que se deve fazer uma demarcação, sem a qual tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas é falta de audácia e a falta de ter determinado o objeto que malogra. Da nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis. Chamem isso de terrorismo se quiserem.” Cf. Lacan, J. (2008). *La ciencia y la verdad*. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 816.

<sup>2</sup> Heidegger, M. (2000). *El nihilismo europeo*. Em *Nietzsche II*. Barcelona: Ediciones Destino.

<sup>3</sup> É a proposta de A. Eidelsztein. “Por ‘SUJEITO’ deve-se entender o que em francês se designa por *sujet* (assunto, tema, matéria), no sentido que só se encontra na obra de Lacan, o que poderia então ser chamado como o “sujeito lacaniano”: o sujeito dividido \$”. Cf. Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. II. Buenos Aires: Letra Viva. p. 48.

## O sujeito suposto no pensamento de Descartes e na psicanálise de Freud

É sabido que Descartes nunca se refere ao “sujeito” no decorrer de sua obra,<sup>4</sup> entretanto, no âmbito da filosofia e de outras disciplinas, os desenvolvimentos sobre o tema do sujeito cartesiano são abundantes.

No caso de S. Freud, encontramos em seus textos o termo sujeito empregado como sinônimo da pessoa de quem se fala, embora o ensino lacaniano tenha introduzido a referência ao **sujeito do inconsciente** quase como se fosse um conceito freudiano. No entanto, Lacan não hesita em estabelecer uma comunidade entre o suposto **sujeito freudiano** e o **sujeito cartesiano** para especificar o estatuto do **sujeito na psicanálise**.

É interessante observar que o sujeito “cartesiano” não seria entendido num sentido substancial e pessoal, ainda que essa interpretação também possa ser sustentada. Sobre isso, G. Agamben adverte que o **ego** cartesiano às vezes é apresentado como uma substância com características semelhantes à alma e como uma realidade psíquica equivalente à consciência.<sup>5</sup>

Este problema foi formulado por M. Heidegger:

Desde Descartes, o homem, o “eu” humano, se torna sujeito na metafísica, de maneira predominante.<sup>6</sup>

Por outro lado, o sujeito cartesiano que supõe Lacan na conclusão que deriva da dúvida hiperbólica “Penso, logo existo” está desprovido da consistência de todo sujeito “antropológico” (o “homem”). Ainda que seja enunciado em primeira pessoa, carece da estabilidade e da força autorreferencial que o pronome pessoal *moi* (eu) denota em francês.

O “eu” na asserção “penso, logo existo” (*je pense donc je suis*) indica para Lacan o lugar do sujeito evanescente e vacilante que só se sustenta no pensamento. Este sujeito é homólogo ao sujeito que Lacan atribui ao procedimento freudiano que consiste em supor pensamentos inconscientes – pela via da interpretação – onde o pensamento vacila ou duvida, como no sonho.

Esta condição impalpável do sujeito, reduzido a um mero ponto de vista – condição do sujeito no pensamento científico –, torna relativa e problemática a solidez e a certeza do “ser” que nele se afirma:

A outra forma, que é o que mais nos aproxima da reflexão cartesiana, é a de percebermos justamente o caráter, estritamente falando, evanescente desse ‘je’, de

<sup>4</sup> Cf. De Libera, A. (2010). *Archéologie du sujet. I Naissance du sujet*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. pp. 28-29.

<sup>5</sup> Cf. Agamben, G. (2003). *Infancia e historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.

<sup>6</sup> Heidegger, M. (2000). El nihilismo europeo. Em *Nietzsche II*. Barcelona: Ediciones Destino.

nos permitir ver que o verdadeiro sentido do primeiro passo cartesiano é articular como um “eu penso e eu não sou” [*je pense et je ne suis*]. Certamente podemos nos debruçar nas aproximações dessa asserção e perceber que eu gasto [*je dépense*] ao pensar [*de penser*] tudo o que posso ter de ser. Que fique claro que, finalmente, é ao deixar de pensar que posso vislumbrar que eu simplesmente seja. Este é apenas o começo.<sup>7</sup>

Em 1962, o mesmo ano em que Lacan profere seu seminário sobre *A identificação*, Hintikka chega a conclusões semelhantes às de Lacan,<sup>8</sup> mas partindo do campo da lógica. Apresenta a manobra cartesiana em seu caráter “performativo”, para além da interpretação clássica que a reduz a uma pura inferência. “Penso, logo existo” se sustenta como tal enquanto ato de pensamento que se autorrealiza, não sendo a existência que se desprende, nada diferente do pensamento. Lacan acentua esse ponto ao ressaltar que Descartes chega à afirmação de um ser que consiste puramente no pensar.

Assim se produz o mesmo tipo de “autoverificação” e “autocumprimento” que nos atos discursivos são realizados a partir de sua enunciação, como, por exemplo, o juramento. Ou seja, no que se refere a Austin, “coisas que se fazem com palavras”.

Hintikka também aponta a importância que a “persuasão” adquire na argumentação cartesiana e Lacan aprofunda esse aspecto em sua análise do *cogito* revelando uma condição *sine qua non* para que este se sustente: é necessário que Descartes “nos diga”.<sup>9</sup>

Ao afirmar que não seria possível pensar sem existir, ou, ao constatar que, para pensar, é necessário que algo seja “uma coisa que pensa”,<sup>10</sup> Descartes não está falando sozinho, e ainda que não seja, deve tentar convencer a si mesmo, de acordo com Hintikka. É necessário que se enuncie de alguma forma, ainda que seja ao preço de que seu enunciador se converta, por uma guinada, em seu próprio interlocutor.

Do ponto de vista filosófico, J.-L. Nancy também repara neste aspecto discursivo – e fundador – do *cogito*, como pode ser lido em um de seus extensos parágrafos:

Se o discurso filosófico “é, talvez, apenas uma maneira inexorável de perder e se perder”, como também escreve Blanchot, isso pode ser verificado principalmente onde esse discurso se coloca como sua autoenunciação, ou melhor como sua autoperformação, uma posição explícita (enunciada e enunciante) em Descartes, mas

<sup>7</sup> Lacan, J. Seminário IX. Aula de 22/11/61. Inédito.

<sup>8</sup> Hintikka, J. (1962). *Cógitto, Ergo Sum: Inference or Performance?* Em *The Philosophical Review*, Vol. 71. N° 1. Cornell University. pp. 3-32.

<sup>9</sup> Cf. Lacan, J. (1986). *El seminario*. Libro 11. Buenos Aires: Síntesis. p. 47.

<sup>10</sup> Descartes, R. (1999). *Meditaciones metafísicas*. México: Porrúa. p. 60.

que, sem dúvida, realiza um programa inscrito desde Parmênides como o próprio programa de nosso discurso – um programa sem o qual nenhum sujeito antropológico, nenhuma subjetividade infeliz ou triunfante, e nenhum tremor [*ébranlement*] psicanalítico do “Eu” teriam sido possíveis. Mas o que acontece com esse programa é que ele também programa sua própria perda – o que é muito diferente de se oferecer à crítica, à superação teórica, ou ao esquecimento antropológico.

Àquele que se enuncia – e se denuncia – dessa forma, vamos deixar que se chame de ego. Não será uma nomeação, nem a de um eu [*moi*], nem a de um eu [*je*]. Isso não fará uma egologia, nem transcendental, nem indecível. Mas partindo da origem da egologia e da origem do egológico, será um ensaio para entender isso que **se chama** ao enunciar-se, nem sequer um caminho formado, mas o **enunciar** de onde sai ou brota um murmúrio, sempre ultrapassado – e que **nos** chama.<sup>11</sup>

Para este autor, o sujeito cartesiano como **ego**, porém diferente dos pronomes em primeira pessoa (*moi, je*), se sobrepõe ao pensamento sem sujeito (sem eu), ou, mais precisamente, ao pensamento como sujeito, formulado em termos de “Isso pensa ou Isso diz”,<sup>12</sup> fórmula que inscreve o sujeito lacaniano, representado entre, pelo menos, dois significantes. O Isso freudiano (*Es*), portanto, é substituído pela notação S – homofônica com esse termo em alemão. Essa inovação conceitual inaugura a possibilidade de outra psicanálise.

### O problema da verdade e o Nome-do-Pai

Com sua manobra discursiva, que direciona a reflexão filosófica para um ponto de inflexão, Descartes garante a consistência do pensamento científico-matemático rejeitando a verdade ao deixá-la a cargo de um Deus perfeito. A verdade, concebida como exatidão e reduzida a um valor variável no jogo algébrico, seria rejeitada na ciência como a *Verwerfung* do Nome-do-Pai nas psicoses.<sup>13</sup>

Se tivéssemos que escrever o lugar do Deus cartesiano na álgebra lacaniana, usaríamos a notação A – letra inicial de *Autre/Outro*. O lugar do A como lugar da palavra, em função do qual é proposto o problema da verdade.

No pensamento filosófico e científico, quando este lugar é atribuído a Deus como garantia de toda a verdade, aparece a figura do que Lacan chama de “deus dos filósofos”, parafraseando Pascal. Essa

<sup>11</sup> Nancy, J.-L. (2007). *Ego Sum*. Barcelona: Anthropos. pp. 17-18.

<sup>12</sup> Nancy, J.-L. (2007). *Ego Sum*. Op. cit., p. 21.

<sup>13</sup> Cf. Lacan, J. (2008). La ciencia y la verdad. Op. cit., p. 830.

instância não é alheia ao campo psicanalítico: O “sujeito suposto saber” como posição inicial numa análise é comparável à garantia de verdade que garante o Deus cartesiano, paradigma do Deus dos filósofos. Essa sustentação da conexão ilusória entre o saber e a verdade – muitas vezes em função do endeusamento da figura do analista ou da própria psicanálise – se for consolidada e não permitir a leitura interpretativa em função de que **Isso fala**, favorece a detenção dos tratamentos.

Na órbita da ciência, não apenas Descartes, mas também Newton e até mesmo o próprio Einstein, chegaram a postular o lugar de Deus como Outro (A) para sustentar o peso das verdades eternas. Dessa forma, de acordo com E. Porge, a ciência avança como acúmulo de saber, sem se preocupar com seus fundamentos de verdade.<sup>14</sup>

Nestas coordenadas, se o procedimento psicanalítico parte da verdade que os sintomas mascaram – a verdade dos dramas subjetivos –, só pode operar com o sujeito da ciência sob a condição de correlacioná-lo com o campo da verdade.

Essa articulação ocorre na abordagem que Lacan faz da operação cartesiana a partir de uma leitura “entrelinhas”, na qual se estabelece que apesar da rejeição da verdade que fica a cargo do Outro, no *cogito* a dimensão enganosa é preservada em, pelo menos, dois sentidos:

- Em primeiro lugar, na medida em que o pensamento se baseia na enunciação performativa, persuasiva e dubitativa. A partir desse ponto de vista, o “eu penso” teria a mesma estrutura que o “eu minto”, expressão paradoxal que se contradiz. Esses tipos de paradoxos, de caráter autorreferencial, originaram formulações de problemas referentes à inconsistência dos sistemas lógico-formais, a partir dos quais seria possível dizer que o campo da verdade lógico-matemática está “furado”. Na álgebra lacaniana seria escrito A barrado.<sup>15</sup>
- Em segundo lugar, se considera a dimensão mentirosa da palavra, inerente à referência cartesiana ao “gênio maligno” que pode conduzir o sujeito à confusão e ao erro, como uma outra face do Deus perfeito garante da verdade.

Essas considerações permitem situar uma duplicidade ou divisão disfarçada no âmbito do lugar do Outro no pensamento cartesiano (A barrado), mas Lacan propõe – para além de Descartes – uma

---

<sup>14</sup> Cf. Porge, E. (2008). La ronda de los nitidos decirse a medias. Em *La verdad. Entre psicoanálisis y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión.

<sup>15</sup> O eu minto – saindo do domínio da lógica formal – é só aparentemente paradoxal. O paradoxo se dissolve se for levado em conta que alguém pode comentar seus próprios ditados, distinguindo-se, assim, o **eu** do enunciado e o **eu** da enunciação. Não obstante, Lacan não trabalha apenas este último caso, também questiona o conhecido paradoxo de B. Russell, que distingue uma classe impossível de escrever (a classe de todas as classes que não pertencem a si mesmas) e os teoremas de Gödel que mostram que na elaboração de um sistema lógico que formalize a aritmética elementar são deduzidas fórmulas verdadeiras, mas não demonstráveis ou indecidíveis. Esses pontos de impossibilidade lógica podem ser indicados por meio do matema: A barrado.

noção fundamental na psicanálise: o conceito de transferência em sua relação com o Outro enganado nas neuroses de transferência.

Nos tratamentos psicanalíticos, a função da verdade se apresenta em função da possibilidade de enganar o Outro, ou dizer a verdade mentindo,<sup>16</sup> portanto a posição analítica não é sustentada considerando a verdade como “adequação do intelecto com a coisa” – verdade como *adaequatio*. O desvelamento (*aletheia*) da verdade sintomática supõe não contestar a palavra enganosa. Na estrutura do ato interpretativo revela-se a lógica de uma certa condicional, que os estoicos desenvolveram, onde a verdade de uma proposição pode surgir da falsidade de outra.

Por essa razão, é do interesse do analista aceitar a possibilidade de que uma demanda enganosa se dirija a ele, pois uma demanda, como uma cadeia significante articulada como um anel,<sup>17</sup> pode se conectar a outra demanda – outra cadeia – que a contradiga. Se quiséssemos pensar sobre isso em um nível clínico, poderíamos mencionar, por exemplo, alguma consulta que, motivada pela necessidade de adaptação a uma determinada situação de trabalho, terminasse em uma proposta de revisão da escolha vocacional. Também poderíamos imaginar outro caso em que uma análise poderia ser iniciada a partir de alguém que se considerasse “um viciado” e que, em seguida, fosse revelada a necessidade de alívio para o sofrimento causado pela assistência a uma mãe alcoólatra. Somente a partir da segunda versão da demanda seria possível determinar a dimensão enganosa da primeira. Nesse contexto, um elo ou anel, considerado como  $S_1$  e o outro como  $S_2$ , o sujeito se localiza representado entre os significantes, ou seja, entre elementos não idênticos entre si e definidos apenas pelo seu valor diferencial no conjunto de elos ou nós que compõem uma rede.

A verdade, nestas coordenadas, pode ser concebida como “a inscrição do significante no lugar do Outro”.<sup>18</sup> Ou seja, a argumentação lacaniana faz com que ela dependa da não-identidade do significante ( $A \text{ não é } A$ ), questão que é posta em jogo uma vez que o discurso da histeria interpela o saber científico – representado pela biologia ou neurologia – consolidado no princípio da identidade ( $A \text{ é } A$ ).

A direção do tratamento se orienta, nessa perspectiva, para o estabelecimento de uma interpretação do desejo – para além da demanda –, através da localização de sua causa em uma certa condição de objeto: ( $\$ \diamond a$ ) de acordo com a escritura lacaniana. A determinação dessa condição de objeto para cada caso implica a sustentação de um valor de verdade articulado à recuperação de um sentido possivelmente impedido pelo padecimento sintomático.

---

<sup>16</sup> Um exemplo canônico é a história freudiana que relata o encontro de dois personagens em um trem, onde um pergunta ao outro para onde ele está indo e a resposta é “Vou para Lemberg”, ao que o primeiro o repreende dizendo “Por que você me diz que vai para Lemberg, já que vai mesmo para lá? É para que eu acredite que está indo para Cracóvia?”.

<sup>17</sup> Cf. Lacan, J. (2008). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

<sup>18</sup> Lacan, J. Seminário XV. Aula de 06/12/67. Inédito.

Essa dimensão da verdade – diferente, como dissemos, da verdade científica, mas também da verdade religiosa ou daquela que implica o pensamento mágico –, no entanto, depende da materialidade do significante na leitura interpretativa, carece de toda garantia.

Devido a essa condição, Lacan a caracteriza como verdade não-toda, ou meio-dizer da verdade, já que o estabelecimento de uma verdade no procedimento analítico, a partir de uma elaboração de saber, implica necessariamente a impossibilidade de conhecer todas as suas consequências verdadeiras. Lacan apresenta em termos topológicos a estrutura dessa disjunção entre o saber e a verdade a partir da banda de Moebius – superfície bidimensional unilateral, comparável em três dimensões a uma fita retangular cujas extremidades são coladas após uma semitorção. Uma de suas propriedades é a seguinte: se um corte a percorre por sua linha mediana, pode-se verificar que sua estrutura **foi** moebiana no caso de obter uma faixa cilíndrica e, portanto, bilateral. Lacan propõe conceber este corte operando como o corte interpretativo em um texto “polifônico” bidimensional – com o enlace de duas correntes ou duas cenas. Nesse contexto, suas consequências podem ser enunciadas com mais precisão no **futuro do presente composto** – ou **futuro anterior** do francês –: a fita **terá sido** moebiana. É o tempo verbal apropriado para se referir à lógica dos efeitos de verdade na psicanálise. Constata-se uma divisão constituinte que revela a estrutura significante do sujeito entre saber e verdade: pela via do saber não se chega à verdade, e pela via da verdade não se chega ao saber.<sup>19</sup> Visto que a verdade é discursiva e textual, não poderia se dizer sem que aparecesse a opacidade. Em outras palavras: não se pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, o que equivale a sustentar que não há metalinguagem que possa ser falada, o que pode ser escrito como  $S(\mathcal{A})$ : significante da falta no A.

Levando em conta esse problema, Lacan propõe não abandonar o estudo do outro Deus, ou seja, o Deus bíblico: o de Abraão, Isaac e Jacó, como o chama Pascal. Essa ideia torna possível articular o conceito lacaniano de Nome-do-Pai como Deus-o-Pai.<sup>20</sup> Este lugar assim designado introduz na psicanálise, pensada como ciência, o problema do desejo e sua relação com a verdade de uma forma inovadora e ausente na perspectiva freudiana.<sup>21</sup>

O Deus de Moisés, que anuncia a sua própria presença a partir de uma frase enigmática: “*Ehyeh asher ehyeh*”, “Eu sou o que eu sou” ou “Sou aquele que sou”,<sup>22</sup> marca em nossa cultura – segundo

<sup>19</sup> Cf. Eidszstein A. (2009). Curso de pós-graduação UBA. El psicoanálisis por-venir. Aula de 30/10/2009. Inédito.

<sup>20</sup> Cf. Lacan, J. (1987). La equivocación del sujeto supuesto al saber. Em *Momentos cruciales de la experiencia analítica*. Buenos Aires. Manatíal. p. 34.

<sup>21</sup> A concepção da “verdade” que surge da psicanálise de Freud é sustentada – em todas as suas versões: realidade psíquica, verdade histórica, verdade histórica vivencial etc. – a partir de sua diferenciação com a verdade factual ou material. Esta última responde ao modelo da “verdade” como *adaequatio*: concordância do pensamento científico com o mundo real objetivo. Em sua 35ª Conferência, “A questão de uma *Weltanschauung*”, Freud afirma que a psicanálise deve aceitar a cosmovisão da ciência, que baseia seus conhecimentos na elaboração intelectual das observações feitas. Isso envolve considerar a verdade em termos da concordância do pensamento científico com o mundo real objetivo.

<sup>22</sup> Lacan trabalhou com diferentes versões na tradução da frase, entre as quais também incluiu a seguinte: “Eu sou aquilo que eu é”.



Lacan – um tipo específico de relação com o Outro que condiciona e que está implicado na lógica do discurso neurótico, como pode ser visto nas seguintes citações:

Ninguém se debruça sobre o seguinte: no fundo do pensamento religioso que nos formou, há a ideia de nos fazer viver no temor e tremor, por isso que é verdadeiramente tão fundamental a coloração de culpabilidade em nossa experiência psicológica das neuroses, sem que por isso possamos prejudicar o que elas são em outra esfera cultural.<sup>23</sup>

A palavra ateísmo tem para nós um significado muito diferente daquele que poderia ter em referência à divindade aristotélica, por exemplo, onde o que está em questão é a relação com um ente superior, com o ente supremo. Nosso ateísmo está situado numa perspectiva diferente: está ligado a esse lado sempre esquivo do eu [*je*] do outro.

Um outro que se anuncia como Eu [*Je*] sou o que sou é, só por esse fato, um Deus mais além, um Deus escondido, um Deus que de forma alguma revela seu rosto. Na perspectiva aristotélica, precisamente, pode-se dizer que nosso ponto de partida é desde já ateu. É um erro, mas a partir dessa perspectiva é estritamente certo, e em nossa experiência não é menos assim. O que é anunciado, seja lá o que for, como Eu [*Je*] sou o que sou é perfeitamente problemático, não sustentado, quase insustentável, ou tão somente sustentável apenas por um tom.

Reflitam sobre o Eu [*Je*] sou do Eu [*Je*] sou o que sou. É exatamente isso que constitui o caráter problemático da relação com o outro na tradição que é a nossa.<sup>24</sup>

Essa referência faz parte de uma ampla gama de comentários dedicados a destacar a função da divindade judaico-cristã e seu impacto na posição discursiva que caracteriza a pergunta neurótica. Levando em conta as indicações que surgem da elaboração de Lacan a esse respeito, pode-se afirmar que o monoteísmo judaico-cristão típico da cultura ocidental que habitamos fornece uma figura do Outro – como figura divina – que nos permite pensar sobre a noção de verdade com a qual operamos nas neuroses, uma vez que o deus judaico-cristão é caracterizado por:

1. Anunciar-se como pura voz e nomear-se a partir de um pronome, o da primeira pessoa do singular:

<sup>23</sup> Lacan, J. (1984). *El seminario*. Libro 3. Buenos Aires: Paidós. p. 411.

<sup>24</sup> Lacan, J. (1984). *El seminario*. Libro 3. Ibid.

Moisés disse a Deus: “Se eu vier aos israelitas e lhes disser que o Deus de seus pais me enviou a eles, me perguntarão qual é o seu nome. E então, o que lhes responderei?” Deus disse a Moisés: “Eu sou o que sou”. Em seguida, acrescentou: “Falarás assim com os israelitas: ‘Eu sou’ me enviou a vocês”. E continuou dizendo a Moisés: “Falarás assim com os israelitas: O senhor, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó, é quem me envia. Este é o meu nome para sempre e assim serei invocado em todos os tempos futuros”.<sup>25</sup>

Cabe ressaltar que os pronomes são partículas de linguagem cujo significado varia dependendo do contexto da enunciação, sem o contexto discursivo não poderiam ser sustentados como tais.

Uma das versões da referência bíblica que Lacan apresenta enfatiza a articulação do nome divino com sua concepção psicanalítica da verdade enquanto fala, em função do pronome que designa a primeira pessoa. Fórmulas lacanianas como “A verdade fala *je*” ou “Eu sou o que eu é” – como outra versão na tradução da frase bíblica – tratam de destacar que o “eu” é sempre impronunciável em “toda a verdade”.<sup>26</sup> Essas formulações de Lacan se articulam à prosopopeia que ele ensaia em seu texto “A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise”: “Eu, a verdade, falo” (*Moi, la vérité, je parle*). A ênfase colocada no pronome “eu” (*je*), para designar o lugar da verdade, talvez se deva – entre outras razões – à necessidade de enfatizar que sua existência reside, como nos termos pronominais, na dimensão do discurso, para o qual é condição necessária que **isso** se diga.

## 2. Consistir numa pura existência de linguagem, como se manifesta no texto bíblico:

No princípio havia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus.<sup>27</sup>

A Palavra – ou o Verbo –, é criadora de tudo o que existe, e é entendida como criação *ex nihilo*.

## 3. Mostrar a si mesmo como essencialmente significante. A fórmula “Eu sou o que eu sou” tem uma estrutura análoga à expressão “meu avô é meu avô”.<sup>28</sup> Em ambas se verifica a inexistência da tautologia e da possibilidade de que o significante opere – a partir da leitura

<sup>25</sup> Cf. La Biblia (2004). Éxodo. Antiguo Testamento. Buenos Aires: San Pablo.

<sup>26</sup> Lacan, J. (2008). *El seminario*. Libro 16. Buenos Aires: Paidós.

<sup>27</sup> Cf. La Biblia (2004). Evangelho segundo São João. Nuevo Testamento. Buenos Aires: San Pablo.

<sup>28</sup> “Seja como for, o que está em questão em “meu avô é meu avô”, quer dizer que aquele execrável pequeno burguês que era o mencionado bom homem, esse personagem horrível graças ao qual eu aderi, desde cedo, a essa função fundamental que é maldizer Deus, esse personagem é exatamente o mesmo que se apoia sobre o estado civil, como se demonstra pelos laços do casamento, para ser o pai do meu pai, já que é justamente do nascimento deste que se trata no ato em questão. Vocês veem até que ponto ‘meu avô é meu avô’ não é uma tautologia”. Cf. Lacan, J. Seminário IX. Aula de 12/06/1961. Inédito.

interpretativa – como algo diferente de si mesmo, ao localizar-se em, pelo menos, dois lugares:  $S_1$  e  $S_2$ . Ou seja, como pura diferença.

4. Apresentar-se como um deus radicalmente desejante, cujo desejo é apresentado na opacidade além da demanda e escapa de nós tanto quanto o nome que ele recusa. Essa dupla dimensão da falta pode ser inscrita em termos da notação  $\bar{A}$  (A barrado).

Após esses desenvolvimentos, conclui-se que a psicanálise que pode ser derivada do ensino de Lacan coloca em jogo o sujeito cartesiano da ciência, mas em articulação com o campo da verdade – na linguagem – para cada caso de discurso neurótico.

Desse ponto de vista, a incorporação do Nome-do-Pai (Deus-o-Pai) na consideração científica não implica, então, posicionar a psicanálise fora da ciência. Pelo contrário, ela é postulada como uma ciência que opera com a dimensão da verdade em sua estrutura de ficção tanto na análise das neuroses quanto na revisão e questionamento das opacidades de todo saber consolidado na consistência e na autoridade de um nome, como, por exemplo, o de Freud ou o de Lacan.

**BIBLIOGRAFIA**

1. Agamben, G. (2003). *Infancia e historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.
2. Descartes, R. (1999). *Meditaciones metafísicas*. México: Porrúa.
3. De Libera, A. (2010). *Archéologie du sujet. I Naissance du sujet*. Paris: Libraire Philosophique J. Vrin.
4. Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. II. Buenos Aires: Letra Viva.
5. Hintikka, J. (1962). Cogito, Ergo Sum: Inference or Performance? Em *The Philosophical Review*, Vol. 71. N° 1. Cornell University.
6. Lacan, J. (2008). La ciencia y la verdad. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
7. Lacan, J. (1984). *El seminario*. Libro 3. Buenos Aires: Paidós.
8. Lacan, J. Seminario IX. Inédito.
9. Lacan, J. Seminario XV. Inédito.
10. Lacan, J. (1986). *El seminario*. Libro 11. Buenos Aires: Síntesis.
11. Lacan, J. (2008). *El seminario*. Libro 16. Buenos Aires: Paidós.
12. Nancy, J.-L. (2007). *Ego Sum*. Barcelona: Anthropos.
13. Porge, E. (2008). La ronda de los nítidos decirse a medias. Em *La verdad entre psicoanálisis y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión.

**MARÍA INÉS SARRAILLET**

Psicanalista. Sócia de APOLa La Plata.

E-mail: marisarra1@hotmail.com